

JEM COHEN

UM OLHAR SOBRE AS CIDADES

"We need an instrument, we need an instrument, to make a measurement, to make a measurement, to find out if loss could weigh"
(trecho de "Instrument", música da banda norte-americana Fugazi)

Como outras pessoas de sua geração, Jem Cohen começou a fazer arte motivado pelo clima efervescente e pela grande afinidade que envolvia os jovens criadores da cena *punk*

de Washington D.C. no final da década de 70. Diferente de seus amigos músicos, como Ian Mackaye, hoje vocalista e guitarrista do Fugazi, Jem não montou uma banda de rock para expressar as inquietações, sonhos e idéias que partilhavam, como o questionamento da massificação, da indústria da música, do *american way of life*, do sistema – resolveu ser fotógrafo, e mais tarde abraçou o cinema, animado justamente pelo desejo de documentar a cena *punk* da capital americana, que crescia a cada dia, culminando com a criação, pelo mesmo Ian Mackaye, da Dischord Records, gravadora independente que passou a lançar em disco as bandas do movimento.

A aposta na expressão individual e na busca de um ponto



Jem Cohen

de vista radicalmente independente, tão caras aos jovens *punks*, impregnou o trabalho de Jem Cohen e é talvez, ainda hoje, sua principal marca. Seus filmes/vídeos expressam a visão muito pessoal de alguém que se propõe a conhecer o mundo através do visor de uma pequena super 8, mídia em extinção. Sozinho com sua câmera (hoje ele usa também uma 16 mm), Jem Cohen subverte o modo de produção típico do cinema, fazendo da arte da indústria a arte de um homem só. Da captação das imagens à montagem, tudo é feito por ele (à exceção da música, de que vamos falar logo adiante): seus filmes são, assim, rigorosamente autorais, como as telas de um pintor.

Se começou documentando despretensiosamente a cena musical *punk*, Jem logo passou a trabalhar em colaboração com amigos músicos, em filmes que apelidou “anti-vídeo clips” ou “clips sem nada pra vender”. É o caso dos filmes poéticos que realizou com o R.E.M, banda hoje *mainstream*, que o artista conhece desde os tempos de anonimato; ou das muitas colaborações com o Fugazi, de Washington D.C.. Nesses longos “anti-vídeo clips”, não encontramos sequer uma imagem da banda em questão. São obras em que as imagens documentais dialogam com a música, muitas vezes resultando em combinações surpreendentes. Lembro-me de *Just Hold Still* (1987), “álbum filmico” composto de vários fragmentos em colaboração com músicos – num deles, cenas de rua de uma Nova York sem nenhum *glamour* dialogam com a música “Glue Man”, do Fugazi.

Anti-vídeo clips

Radicado há mais de 15 anos em Nova York, Jem passou a realizar “poemas documentais” de maior duração e fôlego. No final dos anos 80 ele conclui *This is a history of New York*, proposta de uma “história” da cidade, da “pré-história à era espacial”, inteiramente ilustrada por cenas documentais de rua, captadas pelo próprio artista. A convivência de enormes contrastes pontua esse filme surpreendente e contemplativo, de tempo distendido, composto de blocos “temáticos” separados por legendas: Pré-história, Idade Média, Idade Moderna etc. A bela fotografia, o tempo dilatado, grandes parcerias musicais e a proposta de lançar um olhar pessoal e original sobre a vida contemporânea caracterizam também *Buried in Light* (1994), filme/viagem sobre a Europa Central e do Leste, “revelada” para o Ocidente após a queda do muro de Berlim, mas rapidamente “obscurecida pela luz do consumismo”. “Pois a luz excessiva”,

diz Jem Cohen no texto *over* do filme, “também é escuridão”.

Além da música, os trabalhos mais recentes de Jem Cohen têm a presença marcante de longos textos *over*. O belo *Lost Book Found* (1997), talvez seu filme mais original, é um exemplo. Em *over*, um narrador fictício conta sua história: trabalha como vendedor nas ruas de Nova York, onde um homem certo dia lhe ofereceu um misterioso caderno. Neste caderno encontrou anotações peculiares sobre a vida e reflexões sobre a cidade que o intrigaram. O caderno se perdeu e nosso narrador, no presente, se lembra das anotações enquanto fala de seus percursos por Nova York. Esta história de ficção é inteiramente ilustrada por cenas documentais de rua, compondo um filme que Jem Cohen considera, com razão, um “documentário sobre NY” – aqui, a potente convivência ficção/documentário e a qualidade poética do texto *over* fazem lembrar alguns trabalhos do francês Chris Marker.

A relação com a música e os músicos continua rendendo filmes. No ano passado, Jem Cohen concluiu *Instrument*, documentário sobre a trajetória do Fugazi, banda de Washington D.C. que ele documenta desde o surgimento, em 1987. No momento, prepara a finalização de um longa sobre seu amigo Benjamin, vocalista da banda Smoke, de Atlanta, morto por Aids há cerca de um ano. E Jem continua também com seus “anti-vídeo clips” – recentemente, fez trabalhos sobre músicas do jovem “*singer song-writer*” Elliot Smith e da banda nova-iorquina Blond Red Head.

Mas afinal, o que define esse “olhar pessoal”? O curta *Drink Deep* nos ajuda a pensar sobre essa questão. “Todo paraíso é paraíso perdido”, diz Jem a respeito deste filme “sobre a memória e a narrativa submersas”. *Drink Deep*, com música de Stephen Vitiello, contrapõe planos de banhistas nus, captados em piscinas naturais do interior dos Estados Unidos, a imagens de um *rush* de *umbrellas* e poças d’água numa noite de chuva em Nova York. O resultado é um olhar melancólico e distanciado sobre a vida na cidade, que impregna todos os trabalhos de Jem Cohen de uma espécie de busca, no mundo contemporâneo, de algo que se perdeu – essa nostalgia e esse vazio profundos estão ali, em cada filme, e ao mesmo tempo não sabemos precisá-los com objetividade. Desconfio que é em boa parte esse sentimento que funda a poesia dos filmes de Jem Cohen.

Cláudia Mesquita
jornalista